



UM CONVITE À PRÉ-REFLEXIVIDADE: UMA IMERSÃO LITERÁRIA E FILOSÓFICA COM SARTRE

Tiago dos Santos Soares¹

Resumo: O presente trabalho apresenta a problemática humana do existir e do conhecer na filosofia sartriana. Ambas estão imbricadas no humano, sendo impossível a separação delas para além do campo acadêmico. No entanto, Sartre apresenta a tese de que há uma precedência ontológica do existir, do vivido sobre o conhecido. Para sustentar tal perspectiva, alguns enfrentamentos foram necessários, tais como: a desconstrução de um *cogito* proposto por Descartes, de um inconsciente freudiano como alicerce de uma consciência fluida e, ainda, a expulsão de um Eu puro ao modelo husserliano. Isso se fez necessário para ser fiel ao conceito de intencionalidade da consciência proposto pela fenomenologia. O entendimento da consciência como intencional, fluida, como constante movimento para fora é o de tentar se fazer lá adiante. Nesse sentido, o vivido está no próprio fluir da consciência. O conhecido está lá adiante e é disso que provém a precedência ontológica da existência. O reconhecimento humano dessa precedência do existir bem como do pleno conhecer dessa condição extrinsecamente humana se dão com maior facilidade por meio da arte, em especial a literatura. A partir disso, debruçou-se em analisar se as obras literárias sartrianas cumprem essa função por ele mesmo proposta.

Palavras-chave: Liberdade. Literatura. Pré-reflexividade. Consciência.

Abstract: This paper is about human questions of existing and knowledge in Sartre's philosophy. Both are intertwined in the human being, making it impossible to separate them beyond the academic field. However, Sartre presents the thesis that there is an ontological precedence of existing, of what is experienced over what is known. To support this perspective, some confrontations were necessary, such as: the deconstruction of a *cogito* proposed by Descartes, of a Freudian unconsciousness as the foundation of a fluid consciousness and, also, the expulsion of a pure *Self* from the Husserlian model. This was necessary to be faithful to the concept of intentionality of consciousness proposed by phenomenology. The understanding of consciousness as intentional, fluid, as constant movement outward is what we try to do further. In this sense, what is experienced is in the flow of consciousness itself. The known is there ahead and that is what the ontological precedence of existence comes from. The human recognition of this precedence of existence, as well as the full knowledge of this extrinsically human condition, occurs more easily through art, especially literature. From this, he focused on analyzing whether Sartre's literary works fulfill this function proposed by him.

Keywords: Freedom. Literature. Pre-reflexivity. Consciousness.

¹ Doutor e Mestre em Filosofia pela Unioeste/Toledo-PR. Docente EBTT do Instituto Federal do Paraná – Campus Umuarama. E-mail: tiago.soares@ifpr.edu.br.

Este trabalho é resultado de pesquisa de tese doutoral orientada pelo Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, do PPG-Fil Unioeste – Toledo-PR.

Este trabalho discute a relação do vivido e do conhecido na filosofia e literatura de Jean-Paul Sartre. Assume-se, nessa relação, a perspectiva do pensador francês de estabelecer uma primazia pré-ontológica do primeiro, o vivido, sobre o segundo, o conhecido. Para melhor explicitar essa tese recorre-se à fenomenologia, que busca descrever o aparecimento do mundo entendendo-o como uma totalidade, que se estrutura entre objeto e consciência. Porém, não existe uma dicotomia entre ambos, tendo sido apresentado na perspectiva de um monismo do fenômeno, já na introdução de *O Ser e o Nada*, de 1943.

Nesse sentido, o aparecimento do mundo, bem como daquele que o faz aparecer compõem uma realidade indivisa, porque um não aparece sem o outro. Há, portanto, uma relação de interdependência entre consciência e mundo. Nesse entremeio, a consciência revela o mundo a partir da intencionalidade aos objetos e ao revelar o objeto constitutivo do mundo, revela-se nele. É por essa totalidade indissolúvel que Sartre apresenta os conceitos estruturais do aparecimento de mundo em *Em-si e Para-si*. O primeiro são as coisas, fechadas e completas. O segundo é a consciência, o humano em seu movimento constante de intencionalidade. Do primeiro, quase não há o que se dizer, é aquilo que é, um ente totalmente exterior. Por outro lado, o Para-si é um lançar-se ao Em-si recusando-o sê-lo, um paradoxo primordial de não ser aquilo que é e não é aquilo que é. É por essa dupla negação – compreendida como negatividades em seu tratado ontofenomenológico – que a questão do humano toma corpo pelas obras de Sartre, especialmente aquelas que tocam à filosofia, e suas peças teatrais, sua prosa, resenhas e artigos de opinião.

Para melhor aclarar o modo como o humano se apreende no mundo como um ser dentre as demais coisas, dependente das coisas, para falar de si mesmo: em um primeiro momento, o humano se apreende como coisa dentre coisas; todavia, ao falar de si, ao indagar seu próprio aparecimento no e com o mundo, questões mais estruturais de quem é esse humano emergem. Nesse sentido, apoiamo-nos em Heidegger para problematizar essa junção de aparecimento do humano no e com o mundo:

Nesse falar “de” si mesmo está e reside o modo mediano e público pelo qual o ser-aí se toma e se conserva a si mesmo. Na falação está e reside uma compreensão prévia determinada, que o ser aí possui de si mesmo: o “como isto ou aquilo” segundo o qual o ser-aí fala de “si”. Portanto, essa falação é o como em que uma determinada interpretação de si mesmo está à disposição do próprio ser-aí. Esta interpretação mesma não é algo que se acrescenta do ser-aí, algo que se lhe adere ou dependura de fora, mas algo a que o próprio ser-aí chega por si mesmo, do qual vive, pelo qual é vivido (um como de seu ser) (Heidegger, 2013, p. 39).

Esse modo peculiar de relação do ser-aí heideggeriano consigo mesmo, revelado por meio da falação, é o que Sartre apresenta como interrogação. É por meio da interrogação sobre o próprio aparecimento no mundo que o humano se coloca como uma questão a si mesmo. O questionamento promove fendas que se distanciam. Reforça-se com isso que tal distanciamento ocorra apenas no campo analítico. A consciência do objeto que ela intenciona e o coloca como questão a si. Esse movimento próprio do humano proporciona um encontro ou um olhar para si mesmo, colocando-se a si como seu objeto de questão. Eis que o humano tem o desejo de se compreender e explicar-se. Quer conhecer o mundo e, nessa busca, encontra-se também nele e se coloca como um enigma para si.

O movimento de intencionar o mundo bem como o desejo de conhecê-lo possibilita ao humano encontrar-se como seu próprio objeto, como coisas dentre coisas. Não será ainda a consciência translúcida, mas o *Ego*, um objeto histórico constitutivo do mundo, resultado de suas ações e de suas emoções, que Sartre explora com a devida clareza e profundidade nas obras *A transcendência do Ego* e *O esboço para uma teoria das emoções*; porém, cabe contornar: esta temática não ocupará as discussões desse texto.

Semelhante ao intercâmbio entre a consciência e o mundo, Sartre apresenta uma proposta de interação entre a filosofia e a literatura. A primeira coloca o humano em um plano reflexivo e a segunda em um lugar de sensibilidade, de abertura de sentido. Dessa compreensão surge a ideia de que a literatura cumpra o papel de trazer ao humano o aspecto reflexivo de si, de sua realidade. Diante de uma obra literária, o humano que a lê se vê em uma relação de empatia e mimética com o enredo e seus personagens e, ao mesmo tempo, dialoga com o autor do texto sobre sua visão de mundo e o modo como escolheu desvelar a realidade. Dito de outro modo: por meio da literatura, o humano consegue colocar a si mesmo como objeto, elaborando sobre si um processo reflexivo. Sartre torna explícito esse processo com a obra *A Náusea* e o personagem *Roquentin*, quando ele, em um claro processo de reflexividade sobre o mundo, sobre um sentido para o mundo, encontra-se em perplexa indecisão sobre as mudanças que ocorrem no mundo. A angústia, metaforizada pela náusea, o acomete constantemente. E a cada manifestação dela, questões existenciais emanam do personagem tal como essa: “Mas... onde?” – se pergunta a personagem “–Fui eu que mudei? Se não fui eu, então foi esse quarto, essa cidade, essa natureza; é preciso decidir” (Sartre, 2015, p. 14).

O trecho apresenta um personagem angustiado em busca de respostas para as mudanças que o acabrunham na vida. Via de regra, tais buscas concentram-se distantes do humano, como um fato, uma situação, outras pessoas, outras coisas. O humano traz consigo a falsa ideia de estabilidade. É o ego que parece continuar o mesmo, petrificado; nesse sentido, o desejo e o fluir

da consciência continuam os mesmos, como um processo linear em uma sucessão infinda de dias e dias. Quando a náusea ou a angústia se apresenta, o movimento humano de negação de si, de se estabelecer como coisas dentre coisas, aquilo que Sartre designa como má-fé, é a fuga mais comum. Esse trecho em que Roquentin indaga sobre o que mudou, se foi ele ou o mundo, apresenta ao leitor a perspectiva de pensar que as mudanças podem não ser exclusividade do mundo. São poucas palavras, onde o escritor revela o que pensa da realidade ao seu leitor, que há a necessidade de pensar e refletir essa realidade vivida. Sartre é o escritor que, em diálogo livre e aberto com seu leitor revela-lhe o modo como enxerga a realidade. O leitor livremente concorda ou não com a visão do escritor. Seja qual for a decisão do leitor frente à revelação do escritor, será uma decisão livre, que lhe promoverá ações. Ações que lhe implicarão responsabilidades, posturas. *Roquentin* se indaga: ‘fui eu ou o mundo quem mudou, é preciso decidir!’.

Diante disso, o leitor, por mais que não seja um processo conhecido e reflexivo, inicia um processo de intencionalidade onde a consciência corrobora ou rejeita a revelação do escritor. O personagem precisa decidir se são as coisas ou ele quem muda! Assume-se a angústia do constante movimento de intencionalidade ou estabelece-se uma rota de fuga para a má-fé e se mantém como a coisa-historiador. Eis o momento vivido pelo personagem. O leitor, concomitantemente ao personagem, decide se concorda ou não com o escritor. Seja qual for a decisão, a obra literária se apresenta como um instrumento de reflexo ao leitor. Cabe a este apenas dirigir o olhar ao reflexo apresentado e decidir o que fará com isso! Ao assumir a angústia, enfrentar a náusea que fora a decisão tomada por Roquentin, de transitar do vivido ao conhecido, da consciência irrefletida à refletida.

Esse processo nauseante do personagem é revelador da angústia humana no que tange às questões existenciais que a consciência revela a si como um aparecimento. Não que antes já não se manifestara, porém somente nesse encontro nauseante e/ou angustiante dele consigo mesmo é que se coloca como seu próprio objeto, em um movimento de reflexo em que o espelho refletidor é a obra literária. A indagação revela um dos modos de ser e manifesta o aparecimento da consciência reflexiva. É dessa plena realidade que a consciência aparece. Aparece como? Indagando sobre seu próprio ser e, ao se perguntar sobre si, descola-se da estrutura absoluta do acontecimento, lançando-se para além de si, buscando respostas. Quiles define esse questionamento do ser da consciência feito por ela mesma do seguinte modo: “[...] a consciência é um ser para o qual existe em seu ser a pergunta de seu ser, enquanto esse ser implica outro ser distinto dele” (Quiles, 1967, p. 74). Frente a essa constatação, Roquentin se vê obrigado a decidir. O que mudou? Eu ou o mundo? Responder a tais questões coloca o personagem diante da difícil tarefa de assumir e de se responsabilizar pelas mudanças que acontecem ou novamente se esquivar

delas, atribuindo aos objetos as causas e as justificativas das suas ações. Dito de outro modo: ou assume-se na angústia ou vive na má-fé.

O enredo da ficção sartriana apresenta uma personagem que delibera pela vida angustiante, ou seja, escolhe-se como livre, consciente e sabedor dessa liberdade. Ao leitor, a decisão livre de concordar com Sartre nessa forma de manifestação da realidade implica em processos de se ver representado na vida do personagem, onde as questões de Roquentin são as questões do leitor. E, se ainda não são, assumem o aspecto provocativo do vir a ser, tal qual a personagem descobre-se um ser contingente, vivendo constantes modificações em seu ser, tendendo constantemente a ser outra coisa. E, ao observar os objetos, e estes permanecem do mesmo modo, sem modificações, sendo o que sempre foram a resposta vem à tona com a devida clareza e de forma estonteante: ‘sim, fui eu quem mudei!’, concluirá Roquentin. Esse reconhecimento da própria contingência e da constante possibilidade de ser diferente do que foi implica no estabelecimento de uma nova forma de relação do personagem com ele mesmo, bem como dele com as coisas. Como os objetos não mudam, o que pode se alterar é a forma como a consciência se relaciona com eles.

Nessa direção, a teleologia da existência perde toda a estabilidade! O instante presente não tem qualquer segurança de permanência ou sequer exige qualquer mudança necessária. Quaisquer que sejam as realidades escolhidas, a instabilidade de sua permanência é a regente do processo. A presença dos objetos na sucessão temporal e a constante relação do humano com estes trazem à sensação de permanência. Conforme descreve Leopoldo e Silva (2004), a almejada estabilidade só aparece nos romances e nas aventuras, pois a conexão temporal une, necessariamente, o passado ao presente, e este, por sua vez, ao futuro. Essa conexão temporal só é possível na ficção. Nas aventuras, existe um fio condutor ou um nexos causal que une e justifica os fatos passados como causa dos presentes e esses ao futuro.

A existência humana no modo vivido, e sabedor daquilo que se é, sabe que a vida não é um romance ou uma ficção. O presente não é um nexos causal e consequência necessária do passado. O presente é uma abertura, uma estrutura de possíveis infundáveis e amalgamados às situações. O passado é petrificado e imutável. Em relação ao passado, o que é possível mudar é o modo como no presente se interpreta e se relaciona com o que aconteceu. O presente é um possível constante de ser. O passado já foi. O futuro são os movimentos de intencionalidade da consciência, de concretização dos projetos. Não há, nessa relação temporal, qualquer espaço ou estrutura de estabilidade do humano com o tempo ou com a sucessão temporal.

A constante instabilidade inerente ao humano e reconhecida por Roquentin está presente no seguinte trecho:

Se não estou equivocado, se todos os indícios que se acumulam são precursores de uma nova reviravolta em minha vida, então tenho medo. Não que minha vida seja rica, nem preciosa. Mas sinto medo do que vai nascer, se apoderar de mim – e me arrastar para onde? Terei que partir novamente ou abandonar minhas pesquisas, meu livro? Despertarei, dentro de alguns meses, dentro de alguns anos, alquebrado, decepcionado, em meio a novas ruínas? Gostaria de me entender com exatidão antes que seja tarde demais (Sartre, 2015, p. 15).

A fala da personagem apresenta o reconhecimento de que sua vida irá mudar, pelo menos é o que se indica. Sente medo! Porém, esse medo não é o medo por si mesmo. Sartre (2009) distingue medo de angústia na obra *O Ser e o Nada*. O medo é sempre de alguma ameaça externa, tal como ilustrado no exemplo do penhasco. Para expressar em poucas palavras: o medo consiste em escorregar ou tropeçar em algo e, acidentalmente, cair do penhasco. A angústia é estar diante do penhasco e estar na indecisão de se jogar ou não dele. O medo é uma ameaça externa, enquanto a angústia é estruturante da decisão humana. Se, portanto, haverá uma reviravolta na vida do personagem, ela será fruto de sua decisão. Abandonar ou não as pesquisas? Se assim o fizer, o que irá acontecer? Reconhece, ainda, que sua vida não é tão efusiva que valha a pena ser conservada do modo como está. Porém, se lhe perguntarem o que ele é, poderá responder sem dúvidas ou titubeações que é um historiador a realizar uma pesquisa. Angustia-se, porém, porque seu desejo de ser um projeto novo implica em deixar de ser um historiador. E ao fazer essa escolha e se perguntar novamente o que ele é, o que irá responder? Essa pergunta não tem resposta até que tome a decisão de ser livremente outra coisa que não seja mais o historiador.

E, ao escolher outro projeto de vida, decidir-se por ser outra coisa, chegará dentro de alguns anos com as mesmas frustrações e desejos de ser outra coisa? Eis o presente! O presente constante da existência humana coloca essa constante necessidade de se fazer, de se constituir no e com o mundo, estabelecendo novas ou permanecendo nas mesmas relações já existentes com os outros e com as coisas. Seja qual for a decisão, feita com a devida reflexão, promoverá angústia, pois isso é o humano em sua plena consciência intencional. A angústia se esvai quando o humano se nega como estrutura consciente e passa a ser coisa. Quando o personagem perde a caracterização humana e se torna uma coisa, um objeto, um historiador.

Ao fim do trecho, Roquentin exclama um desejo que contraria o humano naquilo que ele é. Ao afirmar ‘gostaria de me entender com mais exatidão’, deseja se compreender como coisa acabada, como um Em-si, que seja petrificado e explicado sem que haja alterações. Que a permanência daquilo que se é seja assegurada com exatidão ao longo do tempo. E o desejo de plenitude ao qual o humano deseja. Ser o que se é. Ser total. A liberdade manifesta pela angústia e a obra que orienta essa análise pela náusea revelam uma estrutura de consciência que não garante qualquer estabilidade ou exatidão à questão humana do que se é.

Nota-se que Sartre se vale com maestria da literatura para demonstrar e exemplificar conceitos filosóficos mais estruturantes de seu pensamento, como liberdade, humano ou Para-si, consciência, dentre outros. De acordo com o filósofo francês, a filosofia e a literatura se destacam primordialmente na compreensão das tessituras humanas, pois expressam a existência humana bem como sua constituição no e com o mundo. O humano, lançado no mundo, emana do não-ser, passa a ser e tende ao não-ser novamente. A filosofia problematiza, interpreta e compreende esse processo via razão e sistemas; a literatura estará sensivelmente próxima do humano nessa travessia que perpassa o não-ser inicial ao não-ser final ou, se preferirmos, do nascimento à morte² do humano ou de seu aparecimento ao seu desaparecimento. Esse movimento humano manifesto pela literatura apresenta seus fracassos, sua niilização, a projeção e execução de seus projetos e a inesperada ruptura da existência em meio a muitos projetos que deixarão de ser realizados, porque a morte solapará impiedosamente todos, sem exceção. Nessa direção, tanto a literatura quanto a filosofia se movem conjuntamente, no sentido de explicar e de revelar o sentido da existência concreta do homem contemporâneo.

O que se estabelece tanto em uma quanto em outra é um diálogo entre escritor e leitor, tendo a literatura maior empatia e alcance naquilo que o autor deseja revelar, pois aborda diretamente a sensibilidade e a imaginação de seu leitor, conduzindo-o com suavidade à reflexão. A filosofia, por sua vez, promove efetivamente a reflexão, vai direto ao ponto expondo-se por meio de sistemas. Dialoga, porém, com um público mais seletivo e menos abrangente do que a literatura.

Essa postura do autor, seja ele literato ou filósofo ou, ainda, no caso de Sartre, que reúne os dois modelos de escrita em suas produções, apresenta uma forma de expressão livre daquilo que ele vê do mundo e decidiu revelar. Ao leitor, cabe o papel, também livre, de entender a trama como um reflexo da sua realidade e, sendo também livre como o escritor e os personagens da ficção sartriana, reconhecer a sua condição estrutural de liberdade e todas as nuances que dela derivam. E, partindo do reconhecimento da sua situação, assumir com responsabilidade a construção do humano que se deseja e se projeta e, conseqüentemente, do que abriga e acolhe esse mesmo ser. Eis a liberdade situada e presente na construção do humano no mundo. Não há como fugir da liberdade e, portanto, daquilo que ela exige: decisão, escolha e responsabilidade por quem se é e pelo mundo que se faz.

Esse trabalho foi produzido com o intento de apresentar o que se constituiu em uma tese doutoral (Santos, 2019) pelo Programa de Filosofia da Unioeste – Toledo/PR. Na tese, além de

² Neste sentido, Gonçalves (2023) tem desenvolvido, tendo em vista o pressuposto ambíguo entre literatura e filosofia desta tese (Santos, 2019), o modo como Sartre descreve o enigma de uma morte vivida em suas obras de 1936 a 1943.

uma análise mais aprofundada das questões apresentadas nesse trabalho no tocante à pré-reflexividade das personagens sartrianas, o leitor encontrará uma construção dos conceitos filosóficos de Sartre, bem como a interrelação entre filosofia e literatura, presente nas obras: *As Moscas*, *A Náusea* e a trilogia *Os caminhos da liberdade*, contemplando os seguintes títulos: *Idade da razão*, *Sursis* e *Com a morte na alma*. Deixo aqui o convite a uma imersão, um tanto quanto inquietante e engajada, para uma leitura existencial sobre os modos de existir e de ficcionar no mundo.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Thiago Sitoni. *A morte vivida: o paradoxo da finitude em Jean-Paul Sartre*. 235f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PPG Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-Pr, 2023.
- HEIDEGGER, Martin. *Ontologia (hermenêutica da facticidade)*. Tradução: Renato Kirchner. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004.
- QUILES, Ismael. S.I. *Sartre y su existencialismo*. Coleccion Austral. Espasa Calpe, 1967.
- SANTOS, Tiago dos. Santos. *A pré-reflexividade do personagem na ficção sartriana*. 185 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – PPG Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-Pr, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução: Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.